

## LITERATURA INFANTIL PARA “OUVISENTIR”: POR UMA EDUCAÇÃO ANTI-IDADISTA

### CHILDREN’S LITERATURE TO “HEARFEEL”: IN FAVOR OF AN EDUCACION ANTI-AGEIST

### LITERATURA INFANTIL PARA LA “ESCUCHASIENTE”: POR UNA EDUCACIÓN ANTI EDADISTA

Mônica de Ávila Todaro<sup>1</sup>  
Meire Cachioni<sup>2</sup>

#### Resumo

A realidade cotidiana e as estatísticas mostram que a população está envelhecendo. Se isso impõe uma outra leitura de mundo, é preciso, assim, que se compreenda, como educadores, os desafios impostos por esse novo fenômeno. O objetivo do presente artigo é, portanto, analisar os comentários de pessoas que ouviram o *podcast* “Saudade dos avós”. A metodologia previu uma ação educativa baseada na audição de histórias com personagens idosos, e os dados foram analisados em uma abordagem qualitativa, com base em Bardin (1977). Os resultados indicaram que pessoas de diferentes idades se sensibilizaram com o tema da heterogeneidade da velhice. Concluiu-se que a literatura infantil pode ser uma expressão artística que mobiliza afetos para uma educação anti-idadista.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. *Podcast*. Educação. Idadismo.

#### Abstract

Everyday reality and statistics show that the population is aging. If this imposes another world reading, it is necessary to understand, as educators, the challenges imposed by this new phenomenon. The purpose of this paper is, therefore, to analyze the comments of people who heard the *podcast* “*Saudade dos avós*” (Longing for the grandparents). The methodology encompassed an educational action based on the hearing of stories with elderly characters, and the data were analyzed in a qualitative approach based on Bardin (1977). The results have indicated that people of different ages were sensitized with the theme of the heterogeneity of old age. It was concluded that children’s literature can be an artistic expression that mobilizes affections for an anti-ageist education.

**Keywords:** Children’s Literature. *Podcast*. Education. Ageism.

#### Resumen

La realidad cotidiana y las estadísticas muestran que la población está envejeciendo. Si esto impone otra lectura de mundo, entonces es necesario que se comprenda, como educadores, los desafíos impuestos por este nuevo fenómeno. El objetivo del presente artículo es, por lo tanto, analizar los comentarios de personas que escucharon el *podcast* “Saudade dos avós” (Sintiendo falta de los abuelos). La metodología previó una acción educativa basada en la escucha de historias con personajes mayores y los datos fueron analizados en un enfoque cualitativo, con base en Bardin (1977). Los resultados indicaron que personas de diferentes edades se sensibilizaron con el tema de la heterogeneidad de la vejez. Se concluye que la literatura infantil puede ser una expresión artística que moviliza afectos para una educación anti edadista.

**Palabras clave:** Literatura infantil. *Podcast*. Educación. Edadismo.

1 Graduada em Pedagogia, mestrado em Gerontologia e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora adjunta do Departamento de Ciências da Educação e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEDU) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: maviatodaro@ufs.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7777-925X>

2 Professora Associada 3; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia; Escola de Artes, Ciências e Humanidades | EACH, Universidade de São Paulo | USP. E-mail: meirec@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5220-410X>

---

## INTRODUÇÃO

Somos nossos corpos como uma estrutura viva e experiencial. Somos seres sociais. Como tal, a partir das experiências, estamos no mundo lendo-o a nosso modo. Em geral, esforçamo-nos para compreendê-lo. Paulo Freire utilizava, em suas obras, a expressão “leitura de mundo” para explicitar a ideia de decodificar a realidade cotidiana. Se decodificar significa interpretar, então é possível que a interpretação da literatura infantil contribua para a experiência do sensível quando se quer uma educação anti-idadista?

A realidade cotidiana e as estatísticas mostram que a população está envelhecendo. Se isso nos impõe uma outra “leitura de mundo” (FREIRE, 2009), é preciso, assim, que compreendamos, como educadores, os desafios que nos são impostos por esse novo fenômeno. Nas palavras de Freire (2012, p. 29): “Sei que sei, como sei que não sei; o que me faz saber, primeiro, que posso saber melhor o que já sei; segundo, que posso saber o que ainda não sei; terceiro, que posso produzir o conhecimento ainda não existente”. É necessário, portanto, ao sabermos que o mundo está envelhecendo, procurar saber mais e melhor sobre tal fenômeno, pesquisando e produzindo conhecimento sobre a temática em questão.

É no exercício da curiosidade epistemológica, na reflexão sobre as relações que estabelecemos entre a literatura infantil, a velhice, as pessoas idosas e o envelhecimento, que, neste texto, mobilizamos ideias. Defendemos a tese de que a experiência sensível de lermos o mundo, como crianças, e escrevermos sobre ele anunciando e denunciando o que cerca o tema, como pesquisadores, pode dar-se por meio da literatura infantil que traz, em seu bojo, personagens idosos.

No pensamento de Deleuze (1997, p. 78), quando se trata da arte, temos que: “À sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças. Ela é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas, extensivos e intensivos”. Desse modo, a literatura guarda em si uma potência material que nos dá a pensar e a sentir e que, portanto, nos movimenta.

A literatura é expressão artística e, como tal, coloca imagens e discursos em movimento por meio de portas que se abrem para outros possíveis trajetos. A literatura infantil pode tocar o corpo inteiro das leitoras e dos leitores, crianças ou não, gerando sentidos e significados que podem nos levar a traçar mapas. Pode nos fazer pensar, sentir e agir frente à realidade. Na perspectiva do diálogo que é estabelecido entre quem escreve e quem lê, ou ouve, supõe-se o (re)conhecimento da complexidade das questões humanas: ser velho e envelhecer, por exemplo.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde – OMS (2015), uma criança que nasceu, no Brasil, em 2015, pode viver 20 anos mais do que outra que nasceu em 1965. São as crianças da sociedade contemporânea que podem vir a criar um mundo melhor no futuro para quem nele estiver vivendo como uma pessoa idosa.

As crianças, e as pessoas de outras idades, precisam ler o mundo que envelhece, ao mesmo tempo em que passam por experiências intergeracionais nas suas comunidades, para lutar contra o *ageism*. O termo, traduzido da língua inglesa como “idadismo”, significa preconceito de idade e foi concebido por Butler (1980) como um processo de estereotipar sistematicamente e discriminar pessoas por meio da idade.

O Glossário Coletivo de Enfretamento ao Idadismo, publicado em 2021, pela Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), ao citar o Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), afirma que “[...] a velhice é uma fase desafiadora, mas também oferece a oportunidade para se descobrir novas potencialidades e conexões” (OPAS, 2021). Se a discriminação e o preconceito contra a velhice não afetam diretamente as crianças que vivem a infância em sua pluralidade, com certeza poderão afetá-las no futuro.

Em se tratando de compreendermos a velhice em suas potencialidades e conexões, o artigo foi conduzido pela seguinte questão: Como a literatura infantil com personagens idosos/as pode colaborar para construirmos uma educação anti-idadista? Tal indagação é atravessada na ideia de que as histórias podem ampliar a visão de mundo, estimular a empatia e um olhar mais crítico sobre a velhice, bem como potencializar o nosso lado (mais) humano, já que a forma mais antiga de nos relacionarmos como seres humanos é a contação de histórias.

As configurações familiares, no século XXI, no Brasil, mudaram. Famílias compostas por três ou mais gerações vêm cada vez mais dividindo a mesma residência e, portanto, compartilhando responsabilidades familiares. Contudo, diante de um cenário econômico nada favorável, é possível que, em uma mesma casa, os moradores trabalhadores tenham pouco ou nenhum tempo destinado a contar histórias para as crianças.

Ainda de acordo com o Glossário: “O preconceito de gerações dentro dos lares acaba por destruir ainda mais a autoestima da pessoa idosa” (OPAS, 2021, p. 9). Nas escolas, professoras e professores podem criar alternativas para combater o idadismo, seja por meio de ações educativas (contação de histórias, mediação de leitura etc.), baseadas em literatura infantil ou amparadas na tecnologia (*streaming* de vídeo, de música etc.).

O uso da tecnologia, que se ressentir das questões econômicas, não é uma realidade nas classes populares quando pensamos no acesso a dados móveis no Brasil. Entretanto,

pode constituir-se como um elemento articulador entre educação e literatura infantil quando o acesso aos aparatos tecnológicos, como os aparelhos móveis, é possível.

Com o objetivo de propiciar a partilha de histórias extraídas de livros infantis cujos títulos traziam as palavras “avô”, “avó”, “avôs” e “avós”, foi criado o *podcast* “Saudade dos avós”. As histórias foram selecionadas a partir do princípio de uma educação comprometida com a solidariedade e a amorosidade em uma dimensão ética e empática.

O idadismo, preconceito baseado na idade cronológica, pode ser percebido desde a infância. Para Vaz (2017, p. 43):

Conhecer as origens do idadismo é fundamental para a criação de programas de intervenção adequados que permitam intervir em idades precoces para erradicar este tipo de atitudes das nossas sociedades. Numa sociedade em que se espera um envelhecimento acentuado no futuro, apenas podemos desejar que ela seja também “uma sociedade para todas as idades” [em que] crianças, adultos e pessoas idosas convivam de forma harmoniosa e solidária.

O debate a ser construído nas escolas demanda uma educação anti-idadista. No âmbito do ensino, oferecer uma ação educativa pautada na heterogeneidade da velhice significa praticar o diálogo visando refutar a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social: as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, deficiência, orientação sexual e idade.

Na busca por compreendermos o que pode uma experiência de natureza oral, via literatura infantil, quando queremos afetar os ouvintes para a questão da heterogeneidade da velhice, em uma perspectiva anti-idadista, este texto foi dividido em duas seções. Na primeira, “Ouvir e sentir: dimensão humana do *podcast*”, expomos a fundamentação teórica. Na segunda, “Literatura infantil e afetos: dimensão da experiência”, apresentamos os procedimentos metodológicos, os resultados e a análise dos dados coletados. Na conclusão, tecemos nossas considerações finais sobre o tema.

## **OUVIR E SENTIR: DIMENSÃO HUMANA DO PODCAST**

A fundamentação teórica que deu sustentação ao nosso artigo está alicerçada em Paulo Freire e Gilles Deleuze. Com Deleuze (1988, p. 62), pensamos a experiência da seguinte forma:

É preciso rachar as coisas, quebrá-las. As visibilidades não são formas de objetos, nem mesmo formas que se revelariam ao contato com a luz e com a coisa, mas formas de luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações.

Em Paulo Freire, buscamos os pressupostos de uma educação realmente humanizadora que se constitui a partir de ações concretas que visem a transformação da realidade. Nesse sentido, a relação sujeito-mundo não se dá na acomodação ou na adaptação, mas, sim, na integração sujeito-mundo. O uso de tecnologias na educação, formal, não-formal ou informal, está inserido no desafio de humanizar sujeitos educadores-educandos que somos, na perspectiva de um diálogo que é inerente apenas à existência humana.

No princípio dialético sujeito-mundo, somos seres históricos situados em uma sociedade cada vez mais tecnológica que se constitui pelo testemunho que um sujeito dá aos outros. Nas palavras de Freire (1996, p. 34): “Possivelmente, um dos saberes fundamentais mais requeridos para o exercício de um tal testemunho é o que se expressa na certeza de que mudar é difícil, mas é possível”.

Nessa acepção, não podemos nos eximir da responsabilidade de tratar da heterogeneidade da velhice para que outras pessoas, que não estejam percebendo tal realidade na vida social, possam escutar. Tal perspectiva não significa assumir que a tecnologia é a solução, mas que há, em seu uso, aspectos positivos quando se pensa em superar situações adversas e quando se trata de superar os desafios e revelar as potencialidades do viver/envelhecer em nossa sociedade.

A tecnologia *podcasting* traz conteúdos em áudio. Em uma dimensão humana, a escuta significa a possibilidade de abertura para a compreensão de um outro que não sou eu. Implica estar disponível para ouvir, mesmo sem concordar, e para sentir (gosto-não gosto; amo-odeio). De qualquer modo, somos afetados pelo conteúdo e pela forma daquilo que ouvimos.

Mudar o modo como pensamos, sentimos e agimos com relação à velhice passa pela escuta. Quando há abertura para ouvirmos histórias que não reforcem o preconceito etário, nossa visão de mundo é colocada em xeque (concordo; concordo parcialmente; discordo). A curiosidade, no momento da escuta, é inegável, porque acolhemos a palavra de outra pessoa. É verdade que podemos nos negar a ouvir uma história inteira, com começo, meio e fim, porém, se ela nos provoca, desejamos escutá-la de corpo inteiro.

Um *podcast*, como um programa de áudio produzido para a Internet, pode ser ouvido em qualquer horário e local. Os ouvintes podem salvar o arquivo e escutá-lo no momento desejado. Segundo Moura e Carvalho (2006, p. 88), o termo *podcast* é uma junção das palavras *iPod* e *broadcast* (transmissão via rádio), que surgiu em 2004. Os créditos do conceito desse termo são atribuídos a Adam Curry e a Dave Winer, os quais criaram o primeiro

agregador de *podcasts* e disponibilizaram o código na Internet para que outros programadores pudessem aperfeiçoá-lo e utilizá-lo.

O Brasil é o segundo maior mercado de *podcasts* do mundo, com 11.842, de acordo com dados do levantamento Volt Data Lab (2019), atrás apenas dos Estados Unidos. Estima-se que já existem 700 milhões de programas de “rádio *online*” diferentes pelo mundo, com mais de 29 milhões de episódios disponíveis. Em média, nos 100 principais *podcasts* do Brasil, desde 2010, foram produzidos 1.522 episódios por ano, chegando ao máximo de 3.380.

Os dados revelam que a maioria dos *podcasts* tem periodicidade semanal, com episódios que variam entre três e 180 minutos, e a mediana é de 66 minutos. A plataforma *Spotify* destaca que os gêneros de *podcast* mais ouvidos no Brasil são: Sociedade & Cultura; Comédia; Educação; TV & Filmes; Notícias; Negócios; Música; Religião & Espiritualidade; Lazer; Esportes.

Mesmo que a Educação apareça em terceiro lugar como gênero mais ouvido, o uso de novas tecnologias, por si só, não garante um avanço educativo. Todavia, o modo como elas são utilizadas pode ser um meio para alcançarmos o objetivo da interatividade. A tecnologia não deve ser usada na educação como forma de suprimirmos o diálogo, mas na dimensão humana da experiência de ouvirmos e de sentirmos.

Ao contrário da tendência de substituição tecnológica do trabalho docente, seja ela total ou parcial, que reduz a função social da educação, compreendemos a tecnologia como um aparato que pode ser usado como estímulo a experiências que ajudem “[...] a mudar sua compreensão dos fatos e sua ‘leitura do mundo’” (FREIRE, 2012, p. 47).

Em sociedades de tradição oral, a fala tem um aspecto milenar e sagrado. Na África, por exemplo, acredita-se que se deve refletir profundamente antes de pronunciar algo, pois cada palavra carrega um poder de cura ou de destruição. No contexto africano, os *Griots* são os guardiões da palavra, responsáveis por transmitir histórias de geração para geração.

Nessa perspectiva, de acordo com Santos (2015, p. 162), “[...] o retorno ao ato profissional de contar histórias no Brasil também tem assumido a grande presença da oralidade africana na estrutura de nossa nação e tem-se buscado aproximações entre as várias formas de contar histórias na África e o que temos feito aqui”.

A oralidade, no manejo das dinâmicas vocais e na inserção de sonoplastia, está presente nos *podcasts* como expressão daquilo que queremos comunicar. É voz e respiração de um fazer humano. Ainda no amparo em Santos (2015, p. 162): “Todo som que produzimos são abarcados no campo da oralidade”. Suas características limitantes a um dos sentidos, a audição, pode mesmo assim levar os ouvintes a lembrar de cheiros, de gostos, de toques e de

imagens. Quando ouvimos uma história, podemos, por exemplo, nos remeter ao aroma de uma flor, ao sabor de um bolo, à sensação de um abraço, ou, até mesmo, a ver imagens por meio de nossa imaginação.

Como fenômeno da escrita, a literatura tem cumprido, desde sempre, a função de contar histórias e, de certo modo, revelar não só percepções subjetivas, mas também coletivas. Em uma linguagem simples, os livros destinados às crianças tratam de temas complexos como a doença, a velhice e a morte, por exemplo.

Em artigos publicados em 2016 e em 2017, McGuire já havia afirmado que a literatura pode fornecer às crianças uma visão holística do envelhecimento, ensinando-as sobre esse processo e promovendo atitudes positivas. A pesquisadora acredita que uma educação para o envelhecimento pode preparar as pessoas para os próximos anos da vida e combater o preconceito etário, podendo (re)imaginar o envelhecimento como um processo de desenvolvimento e de realização contínuos. Como o tema do envelhecimento na educação não é uma ocorrência comum, faz-se necessário tratar dele com as crianças e continuar ao longo da vida.

As histórias destinadas às crianças ampliam a visão de mundo, estimulam um olhar mais crítico e, principalmente, potencializam o nosso aspecto mais humano: a empatia. A empatia é objeto de estudo de diversos campos do saber, como a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia. Neste texto, entendemos a abordagem da empatia como um tipo de resposta afetiva, seguida de uma escuta atenta, no sentido de que a pessoa se sensibiliza pela história narrada. Desse modo, defendemos uma educação anti-idadista que passa pela dimensão da experiência de fruição de histórias que podem levar a uma mudança de atitudes e de comportamentos dos sujeitos.

## LITERATURA INFANTIL E AFETOS: DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA

Nesta seção, objetivamos apresentar o *podcast* “Saudade dos avós” e analisar os conteúdos dos comentários de pessoas que enviaram mensagens por *e-mail* ou via redes sociais. A metodologia da pesquisa previu uma intervenção por meio de uma ação educativa baseada na audição de histórias com personagens idosos. Os dados foram analisados em uma abordagem qualitativa, na perspectiva da análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

A pesquisa relatada neste artigo fez parte de um estudo de Pós-Doutorado e do projeto maior “Ger@ções”, aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), sob o Parecer número 3.775.759.

No que diz respeito aos procedimentos éticos, solicitamos aos participantes que assinassem um Termo de Compromisso, permitindo a análise e a divulgação dos comentários enviados e garantindo o anonimato da autoria. Por isso, as transcrições são seguidas dos termos: mãe, pai, avó, avô, neto, neta, filho, filha, tia, tio, sobrinha, sobrinho, indicando apenas o papel social das e dos participantes.

O *podcast* “Saudade dos avós” tem, em seu nome, a junção das palavras “saudade” e “avós” na intenção de trazer conteúdos relativos aos afetos que dão sentido à vida de e com pessoas idosas que desempenham o papel de avós. Os episódios foram compostos pela narração de livros infantis que têm personagens idosos em sua trama.

A identidade visual foi criada a partir de uma ilustração em cujo desenho se destaca a presença de uma pessoa idosa, de duas crianças e de um livro. O perfil está nas redes sociais, a saber: *Facebook* e *Instagram*. No que se refere à identidade sonora, a abertura conta com a apresentação da criadora e a vinheta com a voz de uma criança.

O *podcast* está hospedado no *Anchor*, por ser gratuito, e seus episódios podem ser ouvidos em: *Apple Podcasts*, *Spotify*, *Deezer*, *Google Podcasts* e demais agregadores. A cada semana, histórias diferentes foram narradas por atores, atrizes, autores e autoras. Em cada episódio, os ouvintes entraram em contato com a diversidade dos modos de ser avós, por meio de personagens idosos ativos, doentes, sábios, mal-humorados, engraçados, integrados e isolados. O contexto cultural no qual o *podcast* se insere é o de transformação etária na estrutura populacional brasileira e dos efeitos dessa mudança para a sociedade e para a Educação, permeada de afetos, e que pretende ser anti-idadista.

Em Deleuze (2002), referindo-se ao pensamento de Spinoza, encontramos dois termos com diferentes significados: a *afecção* e o *afeto*. *Afecção* remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o *afeto* remete à transição de um estado a outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes (DELEUZE, 2002).

Sobre afeto e afecção, questionamo-nos: O corpo do ouvinte é afetado por um *podcast* no qual a presença do corpo afetante se dá pelo uso da voz? Pode a literatura infantil potencializar afetos intergeracionais, de modo a proporcionar experiências estéticas sensíveis? Se sim, considerando a literatura como expressão artística, como, depois de ouvir as histórias, anunciamos tal potência?

Ao analisarmos os dados coletados, comentários postados pelos ouvintes do *podcast* “Saudade dos avós”, categorizamos os conteúdos de acordo com a perspectiva de Bardin (1977). Para a autora, a análise de conteúdo refere-se a um conjunto de técnicas de análise





- 5) “Acabei de ouvir com minha filha e com os gêmeos que estão a caminho. Amamos!” (mãe).
- 6) “Que coisa mais linda a sua iniciativa! Ouvi com minha filha.” (mãe).
- 7) “Ouvi com meu filho. Ele prestou muita atenção. Acho que se reconheceu.” (pai).
- 8) “Ontem, minha filha disse assim que fomos deitar: A moça das avós não vai mandar mais histórias pra ouvir? Ela adora! Fica com os olhinhos brilhando!” (mãe).
- 9) “Ouvi com minha filha juntas no celular. É um momento especial pra nós!” (mãe).

Nos nove comentários transcritos, podemos perceber a proximidade que ouvir uma história gera entre as pessoas: mães e filhas; tias e sobrinhas; primas; pais e filhos. Em relação à experiência que o ato de ouvir as histórias proporcionou, temos as expressões: “estar com” e “ouvir juntos”. É nesse sentido que o *podcast* pode envolver as pessoas de diferentes idades em situações que possibilitam a interação entre corpos que se aproximam para ouvir uma história.

Ao pensarmos na relação entre a literatura infantil e a aprendizagem, concordamos com a visão de Deleuze (1987, p. 21) quando afirma que “[...] não se sabe ao certo como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre através dos signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos”.

Em contraposição a uma explicação apenas racional, os comentários foram expressos em um plano sensível. A perda de tempo, à qual Deleuze (1987) se refere, foi traduzida como um “momento especial”, no qual “os olhinhos brilham”. Por meio do signo linguístico, ao escutar a palavra avó ou avô, os ouvintes identificam-se com a lembrança deles que está em sua memória e uma pessoa escreve o comentário: “Acho que [meu filho] se reconheceu”.

Seguindo com a apresentação dos dados coletados, destacamos as relações intergeracionais entre avós e netos em 13 dos comentários enviados:

- 10) “Linda iniciativa! Amei. Emocionei com a história. Vi o amor do meu filho pelos avós representados ali.” (mãe).
- 11) “Achei linda a história. Morro de saudades dos meus avós e do tempo que passava com eles. Até fiquei emocionada.” (mãe).
- 12) “Ouvi com a minha mãe idosa. Fez bem pra ela. Ela ama história!” (filha).
- 13) “Eu e minha irmã adoramos! Nós também amamos nossos avós.” (neta).
- 14) “Já ouvi o primeiro e me emocionei demais. As melhores memórias da minha vida são com meus avós.” (mãe).
- 15) “Eu adorei. Lembrei da minha vó Gabriela... Esperava ansiosa a chegada de julho porque íamos para a casa dela. E lá eu tive os melhores dias da minha vida. Eu posso dizer que eu tive a melhor vó do mundo e me empenho em ser a melhor avó para os meus netos.” (avó).
- 16) “Amo a comida da minha vó.” (neta).
- 17) “Adorei. Me senti mais avó do João. Trabalho desse, feito com tanto carinho, só poderá ser aclamado como uma grande pesquisa geracional. Obrigada!” (avó).
- 18) “Hum... Que saudade da minha mãe avó...” (mãe).
- 19) “Ouvi e me emocionei muito. Saudade da minha vizinha. Saudade da minha mãezinha que também era avó. Muito lúdico e de uma doçura contagiante.” (filha).
- 20) “Ouvi. Uma gracinha. Me deu um calor no coração. Liguei pra minha avó.” (neto).
- 21) “Emocionante a história 7! Invento histórias todos os dias para meus netos.” (avó).

- 22) “Adorei a história das duas avós. Minha sobrinha tem duas primas avós parecidas com essas.” (neta).

Nesses comentários destacados, o amor pelos avós se fez presente após ouvirem as histórias. A saudade acionou memórias e fez com que os ouvintes se emocionassem. A ludicidade e a doçura das narrativas contagiaram, de acordo com os relatos, trazendo desejos de inventarem outras histórias. O empenho em ser “a melhor avó” para os netos pode ser um conteúdo analisado à luz da concepção de “ser mais”, de Paulo Freire. Isto é, a busca, não determinada por estruturas, por humanizar-se e humanizar o mundo.

Outros 13 comentários trouxeram o reconhecimento da importância da temática do *podcast*, como projeto, trabalho e pesquisa. Os conteúdos daquilo que foi comunicado pelos ouvintes confirmaram a relevância do *podcast*.

- 23) “Que lindo esse *podcast!*” (neta).  
24) “Que legal esta proposta!” (neta).  
25) “Que lindo este projeto!” (neto).  
26) “Parabéns pelo projeto! Tô divulgando muito!” (mãe).  
27) “Nossa, que lindo este *podcast!* Me trouxe tantas perguntas...” (mãe).  
28) “Muito legal a proposta!” (pai).  
29) “Eu gostei muito do projeto. Muito importante a temática.” (avó).  
30) “A sua pesquisa é linda!” (filha).  
31) “Incrível a ideia do *podcast!* Espero muito poder ter aulas com você, um dia.” (neta).  
32) “Que maravilha de *podcast!* Estou amando os episódios!” (neta).  
33) “Obrigada por partilhar sua pesquisa que é envolvente. As histórias são gostosas e a sonoridade me levou ao sentimento de paz.” (avó).  
34) “Esse *podcast* é de uma sensibilidade que aquece o coração. Uma iniciativa maravilhosa de mostrar as velhices.” (mãe).  
35) “Adorei seu trabalho! Coisa boa assim é pra voar no mundo!” (filha).

Ao reconhecerem o *podcast* como um trabalho de pesquisa, os ouvintes demonstraram o entendimento de que novas tecnologias podem contribuir com a educação das sensibilidades, em uma perspectiva anti-idadista. Destacamos o uso da palavra “velhices”, no plural, em um dos comentários. Tal termo indica a compreensão do conteúdo científico que está subjacente à escolha das histórias: a heterogeneidade da velhice.

Ao considerar a pesquisa como “envolvente”, acreditamos que a ciência cumpriu seu papel de não apenas informar, mas principalmente de gerar avanços no modo de problematizar o mundo, nos envolvendo nos desafios que ele apresenta para toda a sociedade. O termo “problematização” aparece em várias obras de Paulo Freire. No livro *Por uma pedagogia da pergunta*, Freire afirma que a “[...] existência humana é, porque se faz perguntando, a raiz da transformação do mundo” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 51). Tal citação vai ao encontro do que uma das ouvintes coloca: “Me trouxe tantas perguntas...”.

Sobre as histórias, os ouvintes trouxeram conteúdos relativos à *performance* da narração e às tramas das histórias nos episódios que mais os afetaram.

- 36) “Maravilhosa a primeira história. Amei a narração!” (avó).
- 37) “Simplesmente maravilhosas estas histórias! Surpreendente!” (avó).
- 38) “Que história linda! E sua voz é tão calma contando.” (neta).
- 39) “Que delícia de leitura! Fechei os olhos e ouvi.” (mãe).
- 40) “Que olhar sensível... Histórias deliciosas de ouvir.” (neta).
- 41) “Que história emocionante! E que interpretação.” (mãe).
- 42) “Ouvi todas as histórias. Amei o *podcast*! As narrações são ótimas e prendem a atenção.” (avó).
- 43) “Parabéns! Na expectativa de ouvir mais histórias sobre os avós nesta belíssima voz!” (mãe).
- 44) “Muito lindo o quarto episódio. Deu saudade de dançar...” (avó).
- 45) “Essa história de amor, gostei muito. Fiquei imaginando as ilustrações...” (avó).
- 46) “Adorei as histórias e os contadores!” (neta).
- 47) “Ouvi o episódio 4. Muito lindo! Muito fofo! Deu vontade de encontrar um Manuel na minha vida.” (neta).
- 48) “Adorei o episódio quatro. As pernas fininhas e o baile.” (neto).

A sonoridade advinda de uma narração demanda uma atenção e um cuidado àquela história que se quer contar. Não basta ler uma única vez, é preciso compreender com profundidade a história para interpretá-la. No *podcast* “Saudade dos avós”, as narrações ficaram a cargo de pessoas que têm ou tiveram experiências com as artes da cena. Desse modo, os narradores não apenas emocionaram, mas causaram estados sensíveis aos ouvintes que imaginaram, desejaram, se surpreenderam e ficaram atentos.

O verbo “sentir”, de grande ocorrência nos comentários, veio acompanhado de respostas emocionais de empatia, no sentido de que as histórias tocaram e sensibilizaram os ouvintes.

- 49) “Que lindo! Me senti dentro das histórias. Minha sobrinha quer todo dia uma história do nono.” (tia).
- 50) “Adorei! Vou acompanhar os próximos. Me representa! Obrigada por se lembrar de nós, avós.” (avó).
- 51) “Muito legal mesmo! Senti saudades... Perdi minha avó paterna na adolescência e a materna quando estava na faculdade. Mas eu lembro de muitas coisas que eles gostavam e como era cada um.” (neta).
- 52) “Adorei! Sinto que precisamos ser mais solidários com nossos idosos.” (avô).
- 53) “Lindo! Que reconfortante pra quem sente saudade dos avós.” (mãe).
- 54) “Adorei a avó mineira do episódio 11! Parece a minha vó.” (neta).
- 55) “Aquele *podcast* que a gente sente que aquece o nosso coração saudoso!” (neta).”
- 56) “Linda! Vou postar no grupo da escola. Lá, tem avós que moram com crianças maiorzinhas e sentem muito amor por elas.” (avó).
- 57) “Adorei! Muito fofo! A trilha sonora no fundo é linda e a gente sente o clima das histórias.” (neta).
- 58) “Ouvi tudo. Adorei! Parabéns! Histórias lindas que merecem ser compartilhadas pra mexer com os sentimentos de outras pessoas.” (avó).
- 59) “A coisa mais linda do mundo este *podcast* e os sentimentos que ele trouxe pra mim!” (mãe).
- 60) “Histórias maravilhosas que nos emocionam toda semana. Gratidão!” (mãe).

A capacidade de compartilhar as emoções e os pensamentos das personagens idosas produziu empatia, tal como se os ouvintes estivessem realmente envolvidos na situação relatada nas histórias narradas. Desse modo, é possível inferirmos que a experiência do

*podcast*, de natureza oral, via histórias extraídas da literatura infantil com personagens que desempenhavam os papéis de avós, afetou os ouvintes, sensibilizando-os a pensarem na heterogeneidade da velhice. Se buscamos e defendemos uma educação anti-idadista, podemos contar com a leitura literária de obras que permitam às crianças rever suas atitudes em relação à velhice, sejam nos lares, nas escolas ou nos espaços de educação não-formal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão inicialmente colocada neste texto – O que pode uma experiência de natureza oral, via literatura infantil, quando queremos afetar os ouvintes para a questão da heterogeneidade da velhice? – foi respondida ao analisarmos os comentários das e dos participantes da pesquisa. Os verbos mais recorrentes nos relatos, “sentir” e “ouvir”, anunciaram a potente relação entre a literatura infantil e a educação. Vale ressaltarmos que a narração também trouxe sentidos para a experiência, aproximando o eixo afetivo-emotivo da empatia, gerando uma outra leitura de mundo.

A literatura é arte. É experiência que provoca sensações que nos sensibilizam. Na esteira do pensamento de Deleuze e Guattari (1992, p. 262): “A arte luta efetivamente contra o caos, para fazer surgir nela uma visão que o ilumina por um instante, uma sensação”. Nesse sentido, em episódios de cinco a sete minutos apenas, muitas sensações vieram à tona. Sendo a tecnologia um meio, e não um fim em si mesma, o *podcast* revelou-se como uma possibilidade de valorização dos afetos. Cada história, com seus acontecimentos singulares, remeteu os ouvintes ao passado, ao presente e ao futuro.

Admitimos que nenhuma análise, por mais rigorosa que seja, poderá esgotar o que é dado em uma história extraída da literatura infantil. As experiências pelas quais passamos ao ouvirmos e sentirmos coisas sobre as quais antes não pensávamos, como, por exemplo, a heterogeneidade da velhice, nos estimulam a (re)considerarmos a importância das gerações anteriores na nossa vida.

Ouvir o *podcast* “Saudade dos avós” remeteu os participantes a recordações de vivências intergeracionais que têm, tiveram ou gostariam de ter. Ao evocarem lembranças de pessoas que fazem ou fizeram parte de sua família, como os avós, sentidos foram mobilizados. Assim, representações da velhice puderam ser (re)criadas a partir dos sentidos: o cheiro e o sabor de comidas, a maciez da pele e dos cabelos e, até mesmo, o tom das vozes dos avós.

Parece-nos, portanto, diante dos dados apresentados, ser fundamental tratar da heterogeneidade da velhice para que as pessoas passem a ter outras referências sobre os

modos de ser idoso na contemporaneidade. O estabelecimento de uma educação anti-idadista é um fator determinante para contribuir com a leitura de um mundo que envelhece, em uma perspectiva de combate ao preconceito etário e de uma ação educativa transformadora, a qual pode se dar por meio da literatura.

Por fim, destacamos a importância de mais estudos sobre a temática da avosidade na literatura infantil em relação ao uso de tecnologias na educação, com destaque para os *podcasts*, uma vez que eles podem auxiliar na compreensão de temas desafiadores como a velhice e o envelhecimento. Ações voltadas a uma educação anti-idadista poderão usufruir desse saber, no intuito de criar, de aperfeiçoar e de contextualizar práticas educativas baseadas na mobilização de afetos que nos fazem “ouvisentir”.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BUTLER, Robert. Ageism: a foreword. **Journal of Social Issues**, [s. l.], v. 36. n. 2, p. 8-11, 1980.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MCGUIRE, Sandra. Early Children’s Literature and Aging. **Creative Education**, [s. l.], n. 7, p. 2604-2612, 2016.

MCGUIRE, Sandra. Aging Education: A Worldwide Im-perative. **Creative Education**, [s. l.], v. 8, p. 1878-1891, 2017.

MOURA, Adelina Maria Carreiro; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. **Podcast**: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. 2006. Disponível em: [http://www.inf.ufpr.br/alexand/ARTIGOS\\_MOBILIDADE/Moura\\_Carvalho\\_2006\\_resumido.pdf](http://www.inf.ufpr.br/alexand/ARTIGOS_MOBILIDADE/Moura_Carvalho_2006_resumido.pdf). Acesso em: 13 jun. 2022.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. 2015. Disponível em: <https://sbqq.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

OPAS. Organização Pan-americana da Saúde. **Discriminação por idade é um desafio global**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/18-3-2021-discriminacao-por-idade-e-um-desafio-global-afirma-relatorio-da-organizacao-das>. Acesso em: 19 set. 2022.

SANTOS, Toni Edson Costa. Negros pingos nos “is”: djeli na África ocidental; griô como transcrição; e oralidade como um possível pilar da cena negra. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 24, p. 157-173, 2015.

VAZ, Ariana Eunice Barros. **Idadismo nas crianças**: o que dizem os desenhos das crianças? 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social da Saúde) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2017. 128 f. Disponível em: [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15266/1/Ariana\\_Eunice\\_Barros\\_Vaz\\_31738\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Final.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/15266/1/Ariana_Eunice_Barros_Vaz_31738_Disserta%C3%A7%C3%A3o_Final.pdf). Acesso em: 25 out. 2022.

VOLT DATA LAB. **Levantamento**. 2019. Disponível em: <https://www.voltdata.info/conteudo/2019/estatisticas-de-podcasts>. Acesso em: 18 ago. 2022.